

A EDUCAÇÃO, A RAZÃO E A AUTONOMIA

Nadja Mara Hermann Prestes*

INTRODUÇÃO

Os grandes filósofos sempre serão importantes para uma reflexão nos próximos anos da humanidade, na medida em que a filosofia expressa a constituição da racionalidade humana.

A educação, enquanto um fato da razão humana, dialoga com os pensadores de forma a conhecer como se articula essa razão numa totalidade maior.

É nessa perspectiva que assume relevância a compreensão de homem com a totalidade do mundo. Que conceptualização de natureza humana vai orientar a educação? O que é a experiência humana? Como ela se vincula com o mundo?

A vida humana se desenvolve dentro de um processo educativo, num tempo e num espaço determinados, numa cultura. Os filósofos podem oferecer fundamentos a essa ação, num contínuo processo de reflexão e revisão, que tem como critério o próprio homem no seu tempo e na sua história.

A filosofia da educação vai buscar o sentido dessa ação; vai nos instrumentalizar para que sejamos críticos desse trabalho.

Immanuel Kant (1724-1804), um dos maiores filósofos da humanidade, faz uma profunda e radical transformação no pensamento de seu tempo. O objetivo do presente trabalho é compreender o que podemos reter de Kant para a educação. O que tem a dizer o filósofo de Königsberg que, segundo ele próprio, provocou uma revolução copernicana no pensamento ocidental, uma viragem essencial no saber metafísico, ao determinar que é a estrutura do sujeito que torna possível a experiência.

Ele pensa uma filosofia para a construção de uma sociedade baseada em princípios. Tudo o que o homem produz e cria (a ciência, a arte, a tecnologia) deve ser finalizado, hierarquizado e colocado a serviço do homem.

Assim, o ideário kantiano pode ser repensado para a educação, ou seja, o homem participando de uma perfeição que ele mesmo criou para si, pela própria razão. Isso não é uma tarefa da natureza, ou ensejada pelo espontaneísmo. É uma construção de homens. Conforme aponta Goldmann (1967), o centro do pensamento de Kant é o "homem e a comunidade humana".

* Professora de Filosofia da Educação na PUC - Rio Grande do Sul.

É na perspectiva de compreender o que pode o homem fazer de si pela educação e sua relação com a organização de uma sociabilidade desejável, que este trabalho foi organizado. Assim, trata em primeiro lugar de, brevemente, situar o pensamento kantiano. Em segundo lugar, analisar, sobretudo na obra "Pedagogia", aqueles balizamentos fundamentais para a educação: a disciplina e as vinculações com a moral e o homem como construtor de si mesmo. Por fim, são sublinhadas algumas questões que justificam a necessidade de uma educação voltada para a razão, na tradição de Kant, acrescida, porém, do conceito de razão comunicativa.

1 - SITUANDO O PENSAMENTO DE I. KANT: A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO

O problema que se colocou Kant é como é possível a metafísica como ciência. É o próprio filósofo quem alerta que "*parece quase ridículo que cada ciência progrida sem cessar, enquanto esta (...) continue girando num mesmo círculo, sem dar um passo adiante*". (1974, p. 101).

Ao fazer o questionamento sobre a possibilidade de uma metafísica como ciência, Kant precisa construir uma "crítica" do conhecer para saber de que possibilidades a razão dispõe, para construir a metafísica.

O aspecto fundamental de sua crítica situa-se contra o empirismo e o dogmatismo; isto é, contra a idéia de que o conhecimento se realiza apenas pelos dados obtidos da experiência ou apenas pela razão, enquanto definidora de sentido, de forma exterior e superior aos dados sensíveis.

Kant observa que o racionalismo é dogmático, porque confere valor de objetividade às idéias inatas. O empirismo, por sua vez, não percebe que as impressões sensíveis são ordenadas por relações não obtidas pelos sentidos. Não questiona se há um "a priori".

Na formulação kantiana, a ordem das coisas é dada pelo intelecto; pois a razão é configuradora do sentido da realidade.

O pensamento de Kant emerge das questões de seu tempo, que reflete um período de dúvidas e de questionamento. Era necessário apostar no homem. Uma crítica imanente à razão é o que vai levar Kant ao método transcendental, possibilitando conhecer a natureza dos interesses dos fins da razão e os meios para realizar esses interesses.

O objeto da metafísica é o homem no conjunto de suas faculdades. Às faculdades de conhecer, julgar e querer correspondem o entendimento que trata do conhecimento; o juízo que julga o verdadeiro, o belo, o útil e a razão, que orienta a vontade.

A todas essas faculdades está subjacente um "a priori", sem o qual não é possível o trabalho da mente: o entendimento depende, para elaborar conceitos, do princípio da causalidade; o juízo não poderia julgar se não admitisse a finalidade e a razão exprime sua vontade, aceitando o fim último.

A razão do homem é configuradora de sentido. Não há, portanto, um conhecimento absoluto, já completo, porque a razão vai formando esse sentido, a partir do mundo categorizado pela inteligência.

O entendimento humano se estabelece pelo fio condutor da razão, pois ela é exigência de sentido, de unidade. A partir dos dados sensíveis captados, a ação reflexionante vai produzindo uma idéia de mundo, de universo. Daí procede a ciência, cujos objetos são constituídos pelo poder organizador do "a priori" do sujeito.

Como conseqüência dessa formulação do problema, chega-se à distinção dos dois mundos de Kant:

- o mundo dos fenômenos, dos entes sensíveis, o mundo da causalidade, pois todo o evento fenomênico tem uma causa. Trata-se do âmbito da determinação, portanto, o mundo da natureza a ser conhecido pela razão teórica;
- o mundo do "número", dos entes inteligíveis, o mundo da liberdade. Nesse mundo, por não haver determinação, é possível a liberdade. É o âmbito da razão prática, onde há busca de um princípio regulador da vontade livre, que viabilize o convívio entre os homens.

Dessa forma, Kant, ao conferir ao homem dois mundos, formula um dos mais amplos conceitos de liberdade na história da filosofia, que envolve autonomia, como momento de autodeterminação e possibilidade de escolhas contingentes.

Não é possível prever grau de liberdade para um fenômeno físico (assim, a queda dos corpos está determinada pela lei da gravidade), mas, na vida do homem, há a autonomia, pois há possibilidade de escolha. A liberdade só se torna possível, porque a "coisa em si" não está determinada, não é cognoscível. Surge espaço para o livre arbítrio e a lei moral.

Contrariamente a Hegel, que tem um conceito necessário de liberdade, Kant reconhece a autonomia da vontade e o livre arbítrio. Isso permite ao homem sua auto constituição.

Kant torna a subjetividade, o grande princípio da modernidade, em auto-consciência. O sujeito se debruça sobre si numa atitude especulativa, fazendo com que a razão justifique a si mesmo e suas possibilidades.

A razão tradicional da metafísica é cindida por Kant em razão teórica e prática. Habermas sintetiza com clareza esse processo de separação:

"Ele (Kant) separa a faculdade da razão prática e a faculdade de julgar do conhecimento teórico e assenta cada uma delas nos seus fundamentos próprios. Ao fundar a possibilidade de conhecimento objetivo, de discernimento moral e de valorização estética, a razão não apenas assegura as suas próprias faculdades subjetivas nem apenas torna transparente a arquitetônica da razão, mas desempenha também o papel de um juiz supremo mesmo perante a cultura no seu todo". (1990, p. 29)

É nesse contexto amplo da formulação filosófica Kantiana que pode ser compreendida a obra "Pedagogia". Em toda a arquitetura conceitual elaborada no criticismo, está presente a visão antropológica. O homem, esse ser animal e racional, vai se orientar para uma construção de mundo que ele (e apenas ele) define e configura.

A natureza humana é determinada pela:

1. disposição do homem à animalidade, como ente vivo;
2. disposição à humanidade, como ente vivo e ao mesmo tempo racional;
3. sua personalidade, como ente racional e ao mesmo tempo responsável'. (Kant, 1974, p. 371)

À luz desse entendimento antropológico, Kant vai desenvolver suas reflexões sobre o processo educativo, conferindo a este um papel estruturante. O homem é o que a educação faz dele. Assim, a educação abre a perspectiva de progresso do gênero humano, de constituição de uma nova sociabilidade. Toda a ação racional está orientada pela vontade, tornando o conhecimento e a vida prática inseparáveis da eticidade.

A fundamentação da moral vem ao encontro das aspirações éticas do homem burguês e justifica o papel do sistema educacional na configuração de uma nova ordem social.

Enquanto defensor de uma razão legisladora e uma ação autônoma para o homem, a idéia de uma educação que ensine a pensar, que torne o homem sujeito epistêmico e moral efetivamente, vai ser central na teoria de educação do filósofo.

2 - AS RELAÇÕES DA QUESTÃO MORAL E A EDUCAÇÃO; O PAPEL DA DISCIPLINA

A moralidade envolve disciplina interior, à medida que a ação de natureza moral prescinde de particular de nosso objeto da vontade.

Para que a moral tenha realidade objetiva e universal, a vontade deve estar independente de todo o possível objeto particular e deve ainda estar determinada por um "a priori". O "tu deves" é a voz da razão prática, que não emana da experiência, mas da vontade do homem que tem razão.

A autonomia da vontade é o fundamento da ética, porque as escolhas são feitas como se fossem leis universais. A razão é ética somente porque pode ser uma razão universal para todos.

Essas considerações justificam a dedicação de Kant, na obra "Pedagogia", à questão disciplina, caracterizada como o necessário cuidado, que faz parte do processo educativo a que todo homem deve se submeter.

Conferindo à educação papel estruturante na constituição da natureza humana, Kant considera que "a disciplina converte a animalidade em humanidade" (1983, p.29). Para o entendimento correto da disciplina, é necessário remontá-la à antropologia Kantiana que considera o homem um ser animal e racional. O homem é, portanto, um pedaço da natureza, uma pulsão, uma realidade misteriosa. A nossa natureza é um centro dinâmico de interesses, vontades, desejos, inclinações. Tanto ela como o homem são incognoscíveis "em si", em suas possibilidades. O que o homem conhece é o que a civilização e a ciência nos mostram; ou seja, conhecemos uma representação que é limitada no tempo.

Esse saber indica a necessidade da disciplina como forma de introduzir o homem na sua humanização. A disciplina, no entendimento Kantiano, é negativa, à medida que vai exercer coação nos impulsos animais e introduzir a criança no mundo da razão, do sentido humano.

A vida natural da criança tem que ser disciplinada. Isso significa, em primeiro lugar, conduzir a vida de acordo com o que já sabemos dela, pela razão teórica, pela ciência. Em segundo lugar, não sendo o homem só razão teórica, sendo também dotado de razão prática, a disciplina vai prepará-lo para a ordem universal que queremos, ou seja, para o tipo de comunidade a que o homem aspira!

Conforme palavras de Kant: "O homem deve ser disciplinado (...), formado para a virtude. Deve aprender a sofrer a coação a que a liberdade se submete, pelo bem de sua própria subsistência". (1983, p. 103)

A disciplina, enquanto desdobramento do processo educativo, só vai ter significado, se compreendida como uma preparação da inserção no universo de sentido, da razão. Não se justifica por si mesmo, senão por dimensão teleológica. Através das três críticas, Kant coloca o homem como construindo o mundo a partir de si. É nessa tarefa que a disciplina se insere.

Há uma racionalidade no homem livre, que, embora assediado a pulsões do mundo natural, quer ser livre em sua universalidade e construir uma comunidade de homens livres.

Para que se cumpra a lei moral, é necessário que, progressivamente, haja um domínio da vontade livre sobre a vontade psicológica. A ação da educação e, nesse sentido a disciplina tem papel relevante, é encaminhar a vontade no sentido de que, sendo livre, só dependa da lei moral.

O ideal utópico e, por extensão, a comunidade de homens livres, depende da sujeição e dominação da vontade psicológica empiricamente determinada.

3 - O ANÚNCIO DO HOMEM COMO CONSTRUTOR DE SI

O pensamento de Kant situa-se em torno de dois valores fundamentais da época moderna, que são a liberdade e o homem enquanto indivíduo.

Esse período apostava no homem contra o absolutismo, emergindo daí a idéia do livre empreendedor, do liberalismo. A educação é, então, uma tarefa de todos, dos pais, dos professores e da sociedade. A desconfiança era com a educação pública, na medida em que representava o poder absolutista.

O problema da ação humana é central em Kant, considerando a necessidade de construir uma auto-regulação para o homem que viabilize o convívio social.

O sujeito é o centro de gravidade dessa filosofia. O saber é uma construção no pleno sentido da palavra, não sendo, jamais, apenas recepção de dados sensíveis.

A realização do bem e da liberdade exige uma ação original do homem, pois não é o mundo sensível que as realiza. É o homem que cria a liberdade para si.

Para Kant *"o que o homem é ou deve vir a ser moralmente, bom ou mau, deve fazê-lo ou sê-lo feito por si mesmo. Ambos devem ser um efeito de seu livre arbítrio"* (1974, p. 384)

Daí a importância da educação: o homem é resultado desse processo; é uma construção. O progresso da sociedade vai depender do progresso do homem, especialmente no que se refere a sua ação reguladora. *"Toda a educação é uma arte, porque as disposições naturais do homem não vão desenvolverem-se por si mesma"*. (Kant, 1983, p. 35)

Essa construção, segundo Kant, pode ser mecânica, isto é, conforme as circunstâncias, portanto sujeito a muito erros, e pode também ser submetida à razão, que informa como devemos educar. O desejável é que a Pedagogia esteja submetida à ciência, senão, afirma Kant *"uma geração terminaria o que a anterior houvesse construído"*. (1983, p. 36)

Nesse aspecto, incide o caráter de idealidade do processo pedagógico: o fim da educação é a idéia de humanidade e seu destino. O conteúdo utópico dessa afirmação apóia-se na idéia de construção do homem e confere à educação papel estruturante na sua relação com a sociedade.

Esse prenúncio da relação entre educação e sociedade vai aparecer em outros pensadores como Hegel, Gramsci, mas em Kant há um explícito reconhecimento do papel da educação como decorrência do entendimento do homem como um ser que se constrói como sujeito epistêmico, transcendental, capaz de conhecer o mundo sensível e da natureza (dentro dos limites de suas possibilidades) e também sujeito de sua ação moral, passível de ações livres, escolhas contingentes e autônomas.

Conforme Kant afirma, pela educação, o homem deve ser:

a) Disciplinado. *Disciplinar é tratar de impedir que a animalidade se estenda à humanidade, tanto no homem individual, como no homem social. Assim, pois, a disciplina é meramente a submissão à barbárie.*

b) Cultivado. *A cultura compreende a instrução e o ensino. Proporciona a habilidade, que é a possessão de uma faculdade pela qual se alcançam todos os fins propostos. (...)*

c) *É preciso atentar para que o homem seja prudente, que se adapte à sociedade humana. (...) Aqui corresponde uma espécie de ensino que se chama civilidade.*

d) *Deverá ter moralização. O homem não só deve ser hábil para todos os fins, se não que deve ter, também um critério, com relação ao qual, escolha só os bons. Esses bons fins são os que necessariamente cada um aprova e que, ao mesmo tempo, possa ser fim para todos"*. (1983, p. 36-8)

Tanto na educação física como na educação prática ou moral, Kant vai mostrando o necessário, gradual e contínuo acompanhamento da criança para torná-la um ser capaz de atos livres.

No que se refere a educação física, o filósofo de Konisberg condena o espontaneísmo. Evidentemente que superadas pelos avanços obtidos na ciência, suas recomendações, em essência, conservam o fio condutor principal, que é a construção desse ser dotado de razão que não pode ficar à mercê de sua natureza, de seus impulsos. A negativa ao espontaneísmo surge como uma exigência de submeter a animalidade à humanidade. Assim, Kant, ao mesmo tempo em que critica a "vontade despótica das crianças", recomenda a liberdade necessária para aprender, para que a criança saiba usar suas forças. Há uma tensão dialética entre disciplina/ação livre, submeter/agir.

Kant estimula o exercício dos sentidos (saltar, correr), os jogos, aquelas ações que, provenientes dos sentidos, vão ser depois processadas pelas categorias do entendimento.

A importância da ação do sujeito que toma iniciativa é uma resposta coerente à idéia de uma filosofia que quer um mundo construído pelo homem.

O entendimento de que a disciplina não deve escravizar a criança, mas deixar que ela sinta sua liberdade, condenando a disciplina que se pretenda "servil e estreita", expressa a idéia de apostar na autonomia e não na heteronomia.

Reconhecer a educação como construtora de um novo homem nada mais é que uma radical consequência do criticismo de Kant, que mostra que a experiência sensível, necessária ao conhecimento do real, transforma-se em criação do eu.

4 - DA NECESSIDADE DE EDUCAR PARA UMA VIDA RACIONAL

Todo o sistema filosófico Kantiano conduz a uma primazia da razão prática sobre a razão pura, ou seja, é a consciência moral que vai permitir atingir as verdades metafísicas, o mundo próprio do homem, que é dotado de razão e é livre.

Na filosofia da subjetividade que Kant desenvolve, o sujeito refere-se a objetos para representá-los ou para produzi-los como devem ser. Assim, o sujeito é capaz de conhecer (representar) e agir. Essas capacidades são entrelaçadas, permitindo que tudo o que o homem conhece seja orientado por um fim, por um "telos". Isso permite a intervenção da ação humana.

Essas afirmações mantêm todo seu vigor para a educação, pois ela encontra, nesse discurso filosófico, o fundamento para uma idealidade. Há,

portanto, uma reserva utópica a orientar o homem e a sociedade que nossa razão compreende que deva ser buscada. A construção da sociedade desejada é uma tarefa infinita a ser realizada de forma incessante, apontando para a construção futura de um ideal de humanidade.

Goldmann (1967), entretanto, aponta que, ao questionar sobre os limites da ação moral com a pergunta "que devo fazer", Kant afirma uma "visão trágica do mundo", pois de um lado há a grandeza de agir segundo sua vontade, mas, por outro, na formulação, "age como se tua ação se tornasse uma máxima universal", está implícito que "*nada de essencial no mundo exterior depende realmente dessa ação individual*". (p.183)

Isso ocorre, segundo Goldmann, porque a filosofia Kantiana não evolui do "eu" para o "nós", à medida em que permanece cativa de uma idéia individualista de homem, mantendo-se na perspectiva da universalidade ("Universalitas") e não da comunidade real concreta ("Universitas").

Parece-nos que a tentativa de avançar para um "nós" como sujeito de ação, retendo aqueles elementos significativos da filosofia Kantiana, como a construção da totalidade do universo enquanto tarefa humana, é hoje encontrada nas teorizações habermasianas. Toda pessoa é membro de uma comunidade de comunicação. O nós é prioritário ao eu, ao indivíduo.

Há aqui uma mudança de paradigma da consciência como ponto de partida absoluto para a busca da linguagem, da relação comunicativa, que considera as interações entre sujeitos. (Habermas, 1987)

Estamos no âmbito da razão processual, pois serão racionais àquelas proposições ou verdades submetidas a um processo argumentativo. Há todo um espaço para a superação das violências resultantes da falsa consciência.

Ao mesmo tempo que a razão comunicativa incorpora o sujeito autônomo, construtor de si, pode superar os problemas decorrentes de uma razão instrumental, gerada no processo de racionalização da modernidade, típica do mundo pós-Kant.

O processo comunicativo vai mobilizar a razão, que precisa apresentar e refutar argumentos, encontrar consensos para orientar sua ética, através de acordos sobre princípios morais universais.

Educar para uma vida racional é permitir a construção de sujeitos que participem de um discurso livre, capaz de proceder o questionamento das normas sociais e encontrar acordo sobre aquelas que devem reger a vida humana.

O progresso da ciência coloca hoje questões que não podem ser resolvidas pela ética individual e sim pela ética da co-responsabilidade. Tal

circunstância reafirma a necessidade de construção de um sujeito epistêmico competente, capaz de conhecer o mundo e deliberar sobre ele, através de atos de comunicação. Há uma exigência de razão, como condição necessária de formas de convivências humanas. Essa razão é uma razão mais rica, baseada nas estruturas da intersubjetividade comunicativa.

Ao se reconhecer a atualidade Kantiana da construção de um sujeito por si, na articulação de uma totalidade maior e da ampliação dessa razão pela razão comunicativa, evidencia-se uma nova perspectiva fundadora, que propõe um diálogo fecundo entre filosofia e educação.

Sobretudo numa época como a do Brasil atual, há necessidade de que se instaure uma razão sábia, comunicativa, que articule discursos de sujeitos autônomos, capazes de dialogar entre si. A perda de sentido e de razão tem produzido terríveis conseqüências e estão a exigir dos intelectuais, professores e filósofos posições em defesa da comunidade de homens livres.

BIBLIOGRAFIA

DELEUZE, Gilles. *A filosofia crítica de Kant*. Lisboa: Edições 70, 1987.

GOLDMANN, Lucien. *Origem da dialética; a comunidade humana e o universo em Kant*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

HABERMAS, Jurgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

———. *Teoría de la acción comunicativa*. v. I e II. Madrid: Taurus, 1987.

KANT, Immanuel. *A religião dentro dos limites da simples razão*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção Os Pensadores, v. XXV).

———. *Pedagogia*. Madrid: ATUAL, 1983.

———. *Crítica da razão pura*. 2 ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989.

MORENTE, Manuel Garcia. *Fundamentos de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1967.